

Quais as dificuldades de controlar a broca-do-café? Como devemos proceder?

Eng. Agro. MSc. Felipe Santinato – Diretor Santinato & Santinato Cafés Ltda –
Doutorando UNESP Jaboticabal

Primeiramente devemos saber quando a broca-do-café começa “rodear” nossa lavoura. E isso não acontece por conta de data específica, calendário e etc. Não devemos nos apegar a datas fixas e sim a aprender a avaliar segundo quem realmente determina isto, que a natureza. Quem vai determinar o início da revoada da broca-do-café é a fenologia do cafeeiro.

Quanto tempo leva para os frutos do café se tornarem chumbão (fenologia)? (período em que se iniciam as revoadas das brocas). A cultivar, a temperatura, a pluviosidade, o sombreamento (espaçamento e etc.). Outro ponto importante, de qual florada estamos falando? Na realidade cada ano, existem grandes diferenças quanto ao número de floradas e a data de suas ocorrências. Não importa se os frutos chumbão presentes em por exemplo dezembro, são da primeira florada, da segunda, da terceira, se a segunda florada foi maior que a primeira e por ai vai. Se ocorreu uma florada, pequena que seja, dependendo da fenologia (influenciada pelas condições climáticas e outros) vai haver revoada de broca-do-café. Se ficar esperando o calendário, x dias depois de algo que aconteceu, não ira perceber que a broca-do-café já esta atuando, e o pior, ela atua de várias formas como vou abordar em seguida.

A broca é oriunda dos frutos da safra anterior, dos pés que não foram 100% colhidos, e do solo, que não foi recolhido e não foram decompostos. Fazer a colheita bem feita, repasse mecanizado ou manual, e recolhimento pode reduzir a pressão da broca-do-café. No entanto, a pressão dos vizinhos, caso ele não tenha o mesmo manejo, pode influenciar na sua lavoura.

A broca inicia suas perfurações, iniciais apenas, com orifícios apenas externos. Isso porque foram atraídas por substâncias voláteis dos frutos chumbões só que estes ainda estão muito aquosos, conferindo ambiente desfavorável para sua ovoposição. Diante disto ela permanece furando outros, e outros e outros, até que o tempo vai passando, os frutos vão se solidificando (novamente que determina esse tempo é a fenologia da planta veja só), perdendo umidade, e ai ela inicia perfurações mais profundas alcançando as sementes e entrando no seu interior. Dessa forma podemos classificar os métodos de controle de broca-de-broca como 1 – Quando existem galerias apenas externas e 2 – Quando existem galerias até o interior das sementes.

Essa informação, valiosa, ira nos nortear qual a estratégia de controle teremos que adotar. Se há o predomínio de danos do tipo 1, podemos controlar a broca com sucesso usando produtos apenas de contato, isso pois ela esta externa aos frutos, voando ou andando sobre eles, e no máximo na beira da galeria. Se há o predomínio de danos do

tipo 2, ai teremos problemas muito maiores, pois os inseticidas de contato já não tem efeito satisfatório (como um produto de contato funciona em um inseto se a aplicação não entrou em contato com ele? Já que ele esta dentro do fruto escondido?). Isso é muito importante, é por isso que devemos ter em nosso barracão sempre mais que uma ou duas opções de controle de broca. Na minha lavoura sempre haverá situações do tipo 1 e do tipo 2. Se os controles são diferentes por que comprei apenas um produto para aplicar em área total?

Essa percepção faz com que não nos orientemos de acordo com x dias após florada principal. Fazendo isso teremos parte da nossa lavoura já com danos do tipo 2, visto que a revoada condicionada pela primeira florada, pequena ela que seja, já estará dentro da sua semente, te comendo.

Em regiões mais quentes, e lavoura mais altas, a exposição solar mais acentuada no terço superior das plantas faz com que os frutos ali tenham um desenvolvimento mais acelerado, por isso alcançam o estágio chumbão mais cedo. Dessa forma, apesar da broca gostar mais de ambiente sombreado (terço inferior), há grande presença de frutos brocados no TS, fato desconsiderado nas avaliações quando feitas apenas no terço médio.

O ideal é fazer a avaliação nos três terços da plantas (33% de frutos colhidos em cada um deles). A avaliação deve ser rápida, fácil, sem complexidades, para que o seu monitor de pragas, pragueiro, ou você mesmo faça toda a lavoura, em uma precisão maior e maior número de vezes por safra.

O ideal é coletar no mínimo 150 frutos de cada ponto. Fazer um ponto a cada hectare (seria muito bom, principalmente com Agricultura de Precisão). Avaliar somente, frutos brocados, e dentro desse parâmetro, danos externos (1), danos internos a semente (2), e frutos brocados com brocas vivas dentro (não importa o número de brocas e sim ausência e presença). Avaliações mais elaboradas, nós fazemos nas pesquisas. Para ficar prático na sua fazenda, seja ela de qual tamanho for, apenas esses parâmetros são suficientes.

O mais importante das avaliações é que os dados saiam do papel, da prancheta, e entrem no computador e posteriormente se tornem um relatório para auxiliar a gerência quanto a quando iniciar o controle, e qual produto será utilizado. Fazer avaliação por fazer, e esta permanecer no papel é dinheiro jogado fora. Quando temos o advento de sistemas de Agricultura de Precisão podemos elaborar mapas de incidência, mensais, norteando aonde a broca esta evoluindo mais rápido e aonde devemos proceder o controle, aonde os produtos “patinaram” e etc.

Controle: O produto utilizado no controle é escolhido de acordo com o dano que temos, 1 e 2, como abordado acima. Situação 1, pode-se controlar com produtos de contato (choque) e temos vários, buscando associa-los com produtos fisiológicos, para reduzir o desequilíbrio de inimigos naturais promovidos por produtos deste tipo, caso contrário teremos surtos de bicho mineiro por exemplo na lavoura. Situação do tipo 2, devemos

partir para produtos de ação mais elaborada, e ainda temos poucos no mercado com registro. Quando bem posicionados estes funcionam perfeitamente. Alguns casos, não funcionam, mas não por conta do produto, e sim pelos erros cometidos nas avaliações que nortearam erroneamente o início de seu controle.

Em todas as aplicações, tipo 1 e tipo 2, estamos utilizando desalojantes, comprovadamente por nossa pesquisa funcionaram potencializando a ação dos produtos, até mesmo dos de ação mais simples. Também utilizamos volume de calda superior ao normalmente utilizado, por que nesse caso queremos encharcar a planta, fazer a calda escorrer nos frutos, e talvez até entrar dentro do orifício.